

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 510	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	21 DE FEVEREIRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



D. JOSÉ ZORRILLA

FALLECIDO EM 23 DE JANEIRO DE 1893



CHRONICA OCCIDENTAL

Acabou o carnaval e apesar do que por ahí se tem dito em contrario, com uns ares desdenhosamente superiores, foi dos mais animados e mais alegres que por cá tem apparecido ultimamente.

«Comer e dizer mal é manha de Portugal» revava nm antigo anexim portuguez e nunca elle foi mais verda-leiro do que com relação ao entrudo.

Aquelles que mais brincam, que mais se divertem, que desde sabbado gordo até á manhã de quarta feira de cinzas andam sempre n'uma roda viva, são precisamente os proprios que, depois de passada a festa, peior dizem d'ella, para se darem ares de pessoas que teem bebido do fino, que estão habituadas aos brilhantes carnavaes de Nice, de Roma, de Napoles, e que já blasées das batalhas de *confetti* do passeio dos inglezes não podem supportar a tremoçada do chiado. Entendem que isso lhes fica bem, que se dissessem que o carnaval de Lisboa esteve animado, que se divertiram muito n'elle, os faria passar por ingenuos, por provincianos, por sujeitos de *pouco mundo*, que nunca viram melhor, e por isso, carga nos pobres entrudos lisboetas! Não lhes queremos mal por isso, coitados!

Depois é muito difficil fugir a esse lugar comum do noticiario indigena, a esse *clichet* que ha muitos annos está feito para as festas carnavalescas, como «os convidados retiravam-se penhoradissimos com a amabilidade e gentileza dos donos da casa» está feito de tempos immemoriaes para as *soirées* particulares, que teem as honras de ser apregoadas na tribuna da imprensa, e o papel de eterno descontente é ainda hoje de tanto effeito e é tão facil de representar, que são raros os curiosos dramaticos do vasto theatro do mundo, que tem coragem de resistir ás suas seducções e ao seu pouco trabalho.

Ora eu não venho quebrar lanças pelo entrudo: quando era rapaz quebrei muitos ovos, alguns vidros e um espelho por causa d'elle; paguei-lhe assim muito bem pago o meu tributo e julgo-me dispensado de quebrar mais qualquer cousa em seu favor, mas a verdade manda Deus que se diga, e a verdade é que o entrudo este anno foi muito animado, muito divertido, porque não é permittido julgar, sem offensa da sanção dos nossos patricios, que quem passa tres dias n'uma janella a atirar tremoços para a rua, e tres dias na rua a atirar tremoços para as janellas, não se divirta n'esse trabalho fatigante e dispendioso.

Ha muitos annos que não via brincar o entrudo a não ser uma batalha de tremoços, uma escaramuça que não mettia mais d'um litro de projectis, que o pequeno do homem do talho da rua direita vinha todos os carnavaes, vestido de *pirot*, no domingo, na segunda ou na terça, offerecer ás minhas pequenas.

Em quanto a mascaras, as unicas que os meus olhos, n'estes ultimos annos, tinham avistado, resumiam-se, além do *pirot* do talho, que está já pelo meio da perna do mascarado, porque o pequeno tem crescido mas o *pirot* não o tem imitado, em algum chéché do lá vem um, n'uma dança de pescadores dentro d'um barco puchado por um burro, uma dança que ha 8 annos é chronica no bairro das Trinas, e disse:

Este anno sahi do meu serio.

O Gabrielelesco, o grande tenor roumaico que ha dias está em Lisboa, veio offerecer ás minhas pequenas as janellas da sua sala, no hotel Alliance, para verem o carnaval. As pequenas ficaram logo nos ares e eu para lhes fazer a vontade acceitei o convite, um bocado por egoismo tambem, porque ainda que o Chiado com a sua animação me não divertisse, a companhia de Gabrielelesco, garantia-me umas horas bem passadas.

Fui para o chiado na segunda e terça feira e vi, com que enthusiasmo, com que frenesi e ás vezes até mesmo com que brutalidade, Lisboa se divertia.

Os ovos de gemma que eram o grande brinquedo carnavalesco, a ultima moda, na minha mocidade, recolheram-se de ha muito a bastidores.

N'esse tempo as paredes dos predios do Chiado ficavam amarellas como omolettes e o supremo luxo era temperar com ovo as pessoas de maior consideração! Isso hoje passou completamente. Entendeu-se que ovos era muito melhor comel-os, que atiral-os e não se entendeu mal.

Os pós tambem passaram de moda nos brinquedos da rua, e já não se vê, como se via d'antes, n'esses tres dias de carnaval, toda a gente enfariada como uma população de padeiros.

Os projectis do carnaval este anno foram os tremoços, que teem resistido valentemente aos caprichos da moda e os *cocottes*, uma novidade que fez este anno a sua apparição e que seria muito bonita, se as fraudes da mercancia a não tivessem feito muito brutal.

A *cocotte* é um pequeno saquinho de papel de seda, na fórma, em ponto grande, dos antigos estalos do carnaval, que já desapareceram tambem e que entre parenthesis não tinham graça nenhuma — cheio de papelinhos de côr, que caem como uma chuva, quando o sacco rebenta.

As primeiras *cocottes* que appareceram tinham muitos papelinhos, cortados muito miudos e uma pequenina porção d'areia, a bastante apenas para dar á *cocotte* um certo peso para se poder arremessar.

Ora como o papel largo é mais facil de fazer que o papelinho miudo, e como a areia é mais barata que os papelinhos, os fabricantes de *cocottes* começaram a diminuir no papelinho e a augmentar na areia, o que ao mesmo tempo que lhe tirou o seu effeito vistoso a tornou pesada, brutal e mesmo um pouco perigosa, porque, muito pesada, doe onde bate e pôde facilmente vasar um olho, com o seu peso, ou cegar com a sua grande quantidade d'areia, o que não me parece um divertimento por ahí além.

É inculcavel o numero d'essas *cocottes* que Lisboa consumiu no carnaval e os alqueires de tremoço e depois de milho, que por ahí se gastaram.

O espectáculo do Chiado era realmente pittoresco e animado e a batalha ali foi renhida, durante muitas horas consecutivas, e se essa batalha em vez de ser de tremoço e de *cocotte*, o que a tornava por vezes selvagem, fosse de flores, de boubons, de rebuçados, como muito bem o entenderam e o fizeram meia duzia de rapazes da nossa primeira sociedade, que tiveram o bom gosto e gentileza de substituir os velhos projectis brutaes por esses processos galantes, e delicados, o carnaval do Chiado seria uma festa esplendida e elegantissima.

Mascaradas houve muitas, segundo a lista que os jornaes publicaram tiradas das licenças sollicitadas no Governo Civil, mas que se vissem, que dessem nas vistas apenas umas tres ou quatro; o batalhão dos cosinheiros que era magnifico, muito bem posta e de bello effeito, a conducção do gado para a praça dos touros, com os campinos a cavallo e os burros mascarados de bois, e mais uma ou duas.

Nos bailes de mascaras publicos, segundo as informações, que ha cerca de 20 anno, graças a Deus, não pômos lá os pés, houve muita gente, pouca animação, nenhum espirito e muita tosse, porque, em quasi todos elles, os graciosos do estylo fizeram a graça tradicional de espalhar pimenta pela sala.

Em S. Carlos deu-se um baile unico, que foi unico apenas por ser um só, que emquanto á sensaboria dizem que se pareceu com todos os outros, e deu-se um facto que ha muitos annos se não dava! — não haver espectáculo na segunda feira gorda.

Nota final e nota triste d'esse tempo alegre.

Os emprestimos sobre penhores no Montepio Geral augmentaram, nos quatro dias de carnaval, na bonita somma de 80 contos de réis, o que é profundamente e dolorosamente caracteristico!

* * *

E como nem tudo é alegria e festa no mundo, duas noticias tristes, que vieram logo depois do carnaval: a morte d'um dos mais illustres homens de sciencia do nosso paiz, o Dr. Vicente Lourenço, professor da Polytechnica e chimico abalisado conhecido e respeitado em toda a Europa e em todo o mundo scientifico, e o suicidio do juiz Dr. Azevedo Leitão.

O Dr. Lourenço padecia ha muito d'uma lesão cardiaca que foi que o matou.

Era um excellente homem, indio, d'uma grande affabilidade de tracto, muito estimado por quantos o conheciam e uma das nossas mais brilhantes glorias scientificas, e que lá fóra, nos centros scientificos estrangeiros tinha elevado muito o nome de Portugal.

O Dr. Lourenço morreu n'um dia e d'ali a dois dias, sua esposa succumbia á mesma molestia que o matára, indo assim acompanhar na morte aquelle de quem em vida fóra companheira.

O OCCIDENTE publicará no seu proximo numero o retrato do illustre chimico.

O Dr. Azevedo Leitão era um homem novo ainda, sympathico e a quem conhecemos advogando na Boa na Hora.

Juiz no ultramar, fóra ha annos suspenso por faltas e crimes, que elle até á ultima hora disse não ter commettido e serem inventados pela intriga.

Na quinta feira passada realisou-se o seu julgamento no supremo tribunal de justiça.

O tribunal condemnou-o, e depois de ouvir a sua condemnação, que era a suspensão por mais tres annos, encaminhou-se muito pallido para um gabinete e fez saltar os miolos com um tiro de revolver.

Na algibeira encontrou-se-lhe uma carta em que elle dizia que estava innocente e que no caso do tribunal dos homens o condemnar, appellaria para o tribunal de Deus.

Este suicidio, n'estas condições dramaticas, produziu funda sensação em Lisboa, e o enterro do suicida, que o Patriarcha não permittiu que fosse religioso, tem dado logar a violentos artigos contra a determinação de Sua Eminencia e a aze dos commentarios.

* * *

Noticias theatraes temos poucas.

Debutou em S. Carlos, na *Carmen* um tenor novo, o sr. Colli, que é um rapaz muito novo ainda, tem uma voz afinada, mas fraca e que se não fez successo, agradou bastante nos tres primeiros actos da opera de Bizet.

Brevemente debuta o tenor Gabrielelesco, o barytono Kaschmam, e a sr.^a Bua Nova, que vem substituir a sr.^a Cassandro, que nos fez o obsequio de se retirar sem dar cavaco, favorecendo-nos assim com a sua ausencia.

Na Trindade deu-se uma operetta nova a *Leitora da infanta*, traduzida pelo sr. Eça Leal, musica do illustre maestro Augusto Machado. Não assistimos á representação, mas a musica agradou muito e dizem-nos d'ella maravilhas.

Na Avenida deu-se uma revista do sr. Sá d'Albergaria *O Filho do Diabo* que tambem ainda não vimos. Veremos e fallaremos.

Gervasio Lobato.

D. JOSE ZORRILLA

Quando morre um homem da estatura do poeta de que vamos fallar, a imaginação do povo, custando-lhe o desaparecimento rapido, fal-o renascer em suas lembranças; e tudo é arraiado das louçanias da mocidade, das qualidades serias dos annos, em que o talento tem a suprema força, ou dos dourados reflexos, que o sol da vida, mesmo no occaso, ainda lança sobre os cabelos brancos, que, por certo, são corôa immortals, se o homem se chama Zorrilla. Isso faremos com o povo; e maximé escrevendo d'este encantador, que tanto d'elle foi, por vestir de lendas, tradições e romances, os musgosos penhascos requiemados pelo sol da sua Castella-a-Velha, ou as estensas e aridas charnecas, onde sentinella perdida, rebuçada em manto de pedras, faz ronda o velho castello. Antes, porém, que lá chegue a tal ponto da sua historia, sabereis, qual foi sua vida, e que versos escreveu, para deleite e encantamento de uma geração, que amanhã será desaparecida, por descer ao tumulo com o seu poeta.

I

D. José Zorrilla foi nado em Valladolid a 21 de fevereiro de 1817. Filho de D. José Zorrilla e de D. Nicomedes Moral, gente honesta e sizada, ahi se creou e em Granada, Burgos e Sevilha, porque nas tres cidades, desempenhou seu pae as funções de magistrado. Em 1827 vemol o em Madrid, interno do *Collegio dos Nobres*, de onde saio em 1833, para Lerma, povoação de Castella-a-Velha, então residencia do acerrimo legitimista que lhe dera o ser. Não se quedou nas margens do Azurara por muito tempo. No advento do constitucionalismo, vio sua mãe, a boa Nicomedes, que as luctas da espada eram findas; e assim antes destinou a seu filho para as luctas do fóro, onde lhe queria parecer, que tambem se ganhavam esporas de cavalleiro. Por isso o mandaram a Toledo estudar as leis; e, como em todas as historias hespanholas, hade sempre apparecer um conego ou licenciado, sabedor do divino e do humano, — foi elle para casa de um padre, seu parente, que dis-

pensou ao moço cuidados paternos. Mas, por acontecer que o mandassem para a patria de Garsilao de la Vega o fizeram poeta, ó destinos! pois a gloriosa cidade, com suas egrejas velhas, magestosos palacios, e grades de ferro torcido, começou de embicar com o moço, que todo era olhos e coração para aquellos restos antigos de uma epoca, em que os poetas se não extremavam do vulgo, porque o mais da multidão pertencia á raça já extincta dos trovadores. Por lá se formou Zorrilla em sciencias archeologicas e poeticas; que tudo aquillo é poesia de primeira agua, mas crystalisada nos monumentos. Lá se inspirou, e em mais outras cidades velhas, como aquelle Becquer seu conterraneo, que, finado aos 25 de idade, ainda assim, no alvor da existencia, tal gloria obteve entre os vivos, que elles lhe fizeram estatua em Sevilha, como a filho querido, e dos mais lucidos e ingentes da Hespanha, que os tem de todas as grandezas. Regressou a caza muito ancho de si; mas com pessimas informações do thio, que, desde então, começou de ver n'elle um solerte vagabundo. De tal fama não desmereceu, louvado Deus, pois remittido segunda vez para outras escolas, as de Valladolid, onde tudo é de geito para acerto e afinação dos talentos transviados, ahí continuou sua vida eirrada, e já então lendo ás esconsas Byron, Chateaubriand, e Victor Hugo, que tanto lhe aprouve, por encontrar de similhanças e parecências com os letrados do seculo xvi. Da cidade de Pedro Ansurez voltou mais poeta do que nunca, e já auctor, por haver publicado seus primeiros versos a *Elvira*, n'um ephemero semanario de gente moça. E porque lhe remordia a consciencia do pouco aproveitamento em letras juridicas, quiz o poeta furtar-se ás iras paternas, e, eil o no regresso aos lares, que se desce da galera, com que ia de gorra com outros viajantes infelizes, e, encavalgando pacifica egua, que vio de ageito, n'ella loge sem mais apparelho, em direitura a Madrid, onde, de cabellos revoltos e olhos esfumados, por não darem com elle as averiguações paternas, em trages e pitorescos disfarces, andou fugidivo, pobre e despresivel. Tres annos e não mais d'est'arte proseguio o poeta em sua varia sorte; e tinha 20 annos, quando de salto o colheu a grande luz da publicidade. Era a 15 de Fevereiro de 1837, e havia-se suicidado D. Mariano José de Larra. Madrid surpresa do acontecimento, e melhor diriamos fundamente commovida pela morte do seu pamphletario, que fora estylista primoroso e dos maiores da peninsula, fez lhe solemne apparato funeral, mandando a seu enterramento os mais festejados de seus escriptores para enaltecerem o que esmaltara de graça enexotavel a borrasca elaboração de suas revoluções. Se não quando de apparecer no cemiterio de Fuencarral, á beira da cova onde iam sumir-se os ultimos risos e soluços de *Figaro*, um moço, *casí um niño*, a ler sentidos versos. E taes, que a multidão do intimo enternecida, irrompeu em choros. Mas, não era em menor grau a emoção do moço leitor; e tamanha que desmaiou antes de acabar a leitura e tiveram os circumstantes de o erguer nos braços, e logo ao pé do poeta morto, sagraram a Zorrilla igualmente poeta, e o primeiro das Hespanhas. Então elle entrou na historia contemporanea, dedilhando uma lyra, que só lhe cahiu das mãos quando a morte fez calar seu ultimo canto; tinha 75 annos e já era uma gloria.

(Continúa)

Conde de Valenças.



AS NOSSAS GRAVURAS

TYPOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DOUTOR — ARCHEIRO

A veneranda universidade de Coimbra tem resistido a todos os abalos sociaes da nação, e vae conservando, com leves modificações, os seus cerimoniaes e vestuarios, d'uma feição originalissima, toda medieval, que de bom grado se aceita mesmo n'esta hora adeantada da moderna civilização. Reformaram-se costumes, substituíram-se instituições, desapareceram privilegios, fundaram-se novas escolas superiores, mas o celebre «Estudo Geral» de D. Diniz, sete vezes secular, ahí se levanta ainda resplandecente, quasi auto-

nomo, e com resultados utilissimos para a educação moral e intellectual da sociedade portugueza.

Remoçando em cada novo anno lectivo pela extraordinaria concorrencia de alumnos, que de todos os pontos do paiz a procuram de preferencia ás outras escolas, a Universidade de Coimbra continua a ser a principal instituição do nosso ensino superior; e o seu renome e o seu grande prestigio, se têm fidalga origem em gloriosas tradições litterarias e scientificas, tambem se filiam, em parte, na imponencia dos graus e solemnidades academicas, e nos trajes e insignias que distinguem o seu corpo docente e discente, e o pessoal menor.

Tirem á Universidade essas exterioridades apparatus; suprimam as cerimoniaes doutoraes, os prestitutos e actos grandes; e extingam o capello e borla do doutor, a batina do estudante, a capa curta do bedel, ou o fardamento entre militar e palaciano do archeiro; que terão conseguido deprecial a bastante no seu brilhantismo e quem sabe se tambem na sua importancia real pelo nivelamento com os outros institutos seus rivaes.

* * *

Estamos em frente de dois conhecidos typos, que figuram nos actos solemnes da Universidade de Coimbra: um doutor de capello (1) e um archeiro em grande uniforme.

As insignias do doutor constam — de um capello de veludo, forrado de seda e ornado com alamares, de um bonnet em forma de borla, tambem de seda, e d'um anel cuja pedra deve ter a côr distinctiva da faculdade.

A cor distinctiva da Faculdade de Theologia para todas as insignias, capello, borla e anel, é a branca; para a Faculdade de Direito é a encarnada; para a de Medicina o amarello; para a de Mathematica o azul celeste e branco; para a de Philosophia, o azul-loio.

Os capellos usam se unicamente sobre o vestido talar, loba e capa, que é o vestuario academico e que é de obrigação em todos os actos publicos e officiaes da Universidade (2).

Os doutores de capello gozam o antigo privilegio de se conservarem cobertos com suas borlas, como se ache o da nossa gravura, na presença das pessoas reaes. A borla tambem serve para se conferir o grau de bacharel aos alumnos approvados no 4.º anno de qualquer faculdade. N'esse acto, durante alguns segundos, passa o estudante da universidade, ás vezes *musico de 1.ª classe*, pela doce visão do doutoramento.

E' d'um effeito imponente e agradabilissimo a apresentação do corpo docente com suas vistosas insignias, quer nos doutoramentos quer em prestito.

* * *

O nosso archeiro está de uniforme de grande gala. Não carece de descripção. E' assim que o vemos, todo impertigado, fazer a guarda de honra das festas universitarias, alar o prestito dos lentes, e figurar na grandiosa procissão da Rainha Santa, ladeando o andar da Padroeira de Coimbra. O pequeno uniforme reduz-se a um simples bonnet de pala, sobrecasaca e calça côr de pinnhão com guarnições de azul e branco: eis como se apresenta nos dias de aulas a rondar o «Jardim Botanico, os «Geraes» e «Via latina», e o atrio dos estabelecimentos annexos da Universidade. Estes empregados foram outr'ora odiados pela academia. Tinham funções delatorias e repressivas. Em numero de dez, formavam o terrivel cortejo do «Meirinho da Universidade», e percorrendo as ruas de Coimbra, os mercados, e locaes frequentados pelos estudantes, eram os principaes sustentaculos da ordem publica e da auctoridade do Reitor.

(1) O representado pela nossa gravura é o Dr. Antonio Bernardino de Menezes, fallecido ha annos. Era lente da faculdade de Theologia e distincto orador sagrado. Habilmente exerceu tambem algumas vezes o cargo de Vice-Reitor interino da Universidade.

Este retrato, bem como os de outros personagens da Escola superior de Coimbra, figuraram já na «Exposição Universal de Paris de 1878». Cremos serem reprodução de photographias do habil artista coimbricense Sr. José Maria dos Santos. Um livro publicado então pelos Srs. Lamarre e Lamy, «Le Portugal et L'Exposition de 1878» fez-lhe algumas referencias bastante chistosas. Do doutor falla assim: «Voici d'abord un docteur, toque rouge et bonnet noir, l'oeil épanoui, la face joviale et illuminée, rengorgé dans sa robe et quelque peu «odelinant de la tête» bouhomme ou foud, quoique norquois pent-êtré et non sans malice. C'est bien là le docteur du moyen âge.»

(2) Estatutos da Universidade de Coimbra de 1653. Titulo XLIII.

N'esta espinhosa missão, seguiam submissamente, quer de noite quer de dia, o seu chefe, que empunhava então a symbolica vara branca cumprindo em silencio e com valentia (que ás vezes lhes saia cara) todas as suas determinações. Eram os *homes* do Meirinho da Universidade, armados de *chuços* ou *partezanas*. (3)

Passaram depois a *verdises*, e com esta determinação ainda figuraram nos acontecimentos academicos do primeiro quartel d'este seculo. Nas ultimas organizações regulamentares perderam toda a feição importante e odienta. Hoje tem funções mais modestas, mas certamente menos accidentadas. Os estudantes tratam-nos actualmente como a pessoas amigas, e até se utilizam dos seus bons serviços para negocios de matricula, etc.

HOSPITAL DE PORTALEGRE

Quando a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, fundou em Lisboa a primeira irmandade da Misericordia, nos Claustros da Sé, em 1498, em breve se estendeu a todo o paiz o estabelecimento de irmandades semilhanças, com o mesmo fim caritativo.

Foi assim que, em 1501, já se achava estabelecida em Portalegre uma irmandade da Misericordia no antigo templo de S. João Baptista.

Esta irmandade fundou o seu hospital em umas casas baixas da rua da Figueira, mas o acanhado d'estas habitações, depressa fez conhecer a impossibilidade de ali continuar a permanecer.

Por este motivo teve a irmandade da Misericordia que procurar edificio mais apropriado para o hospital, e n'este empenho se concertou com a confraria do Espirito Santo para esta lhe ceder a sua albergaria, situada fóra da, então villa, e que era um edificio espaçoso e com boas condições hygienicas, situado em logar bem arejado.

Era então provedor da Misericordia Lopo Ribeiro o qual propoz á confraria do Espirito Santo a junção do hospital da Misericordia com o da confraria, com a condição de continuar a dar pousada aos peregrinos e a sustentar e tratar os enfermos pobres, ficando a cargo da dita confraria a conservação do edificio e o fornecimento das roupas.

Assim se concertou, e se estabeleceu na albergaria do Espirito Santo o hospital da Misericordia de Portalegre, edificio que a nossa gravura representa, e que é dos melhores que ha para ver em Portalegre.

As condições hygienicas que então recommendaram este edificio para hospital, pela sua situação desafrontada, desapareceram ha muito tempo, pela razão da cidade se ter estendido para fóra dos muros cercando o hospital de habitações, o que tem concorrido para diminuir a salubridade d'este estabelecimento.

Este hospital está bem dotado, com boas enfermarias, que tem sido ampliadas com o andar dos tempos, pois se tem feito obras em diversas épchas acrescentando o primitivo edificio.

A VARANDA DA CASA CORDOYIL EM EVORA

LARGO DA PORTA DA MOURA

Muitas casas apalaçadas do seculo xvi tem um typo especial em Evora. É um estylo que corresponde a um modo de viver peculiar das grandes familias. Havia elementos militares combinados com os agricolas; o fidalgo era proprietario, o morgado era capitão de cavallos; na casa moravam a mulher e os filhos, os escudeiros e a creadagem, e os serviçaes.

Um largo portal dava entrada n'um pateo, vasto e descoberto; a ur. lado a morada com seu andar nobre; nos outros lados as casas dos dependentes, as cavallariças, os palheiros, as officinas, a casa da lenha; no pavimento terreo do palacio os celleiros, as dispensas; todas essas casas tinham portas para o pateo.

Para entrar no andar nobre subia-se uma escada descoberta, bem construida, que ia terminar n'uma varanda coberta; uma porta communicava com uma vasta sala de entrada. Era um systema de defeza.

Os solares campestres tem quasi a mesma regra. O fidalgo quando fez o palacio urbano transplantou o plano do seu solar. É uma construção logica; é commoda e propria para o decóro da

(3) «Exposição succinta da organização Actual da Universidade de Coimbra. 1887» pelo Visconde de Villa Maior

familia, para a disciplina domestica, para a vigilancia dos interesses economicos, para a defeza contra o salteador, o vadio, o cigano.

Ha mesmo pequenas moradas que obedecem ao estylo, talvez unicamente por imitação. Uma das pequenas dependencias do pateo de S. Miguel tem uma escadinha com seu patamar coberto de baldaquino sustentado por columnetas de

ainda hoje as suas escadas, e as varandas, algumas vastas, que são os prefacios dos andares nobres.

No desenho do sr. Luciano Freire vê-se o portal, parte do muro do pateo, e a varanda da casa Cordovil, na frente que deita para o largo da Porta da Moura. O portal é singelo, o muro ornamentado pelas ameias usadas em Evora no seculo XVI;

como na hora em que os entregou o canteiro.

Como se vê as finas columnas sustentam arcos mouriscos, dos chamados em volta de ferradura; e esses arcos, na sua aresta interna tem saliencias regulares, especie de *gregas*, abertas em granito, que em minha opinião representam, ou tentam imitar os arcos granadinos, formados de tijolos cujos extremos cortados de diversos modos, com-

TYPOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



UM DOUTOR DE CAPELO



UM ARCHEIRO

(Copia de photographias do sr. J. M. Santos)

marmore, finas, com mais de um metro de altura no fuste, e uns oito centimetros no maior diametro; só aquelle rijo e branco marmore de Extremoz dá umas canellas assim, que ali estão ha tres seculos, quatro talvez, sustentando o esguio coruchéo.

O palacio onde actualmente funciona o correio; o palacio do pateo de S. Miguel, que pertenceu á casa Vallada; o palacio das Cinco Quinas (casa Cadaval) que foi dos condes de Olivença, e marquezes de Ferreira; todos conservam

mas a pequena varanda chama a attenção de todos os entendidos pela gentileza original, pelo aspecto aereo, delgado.

Será bom notar que as columnas e as molduras que na gravura estão escuras estão lá em branco, nitidas e translucidas, porque o marmore de Extremoz é de uma belleza singular para construcções, porque os seculos, as chuvas, as geadas não lhe embotam uma aresta, nem lhe destroem a lisura. As folhagens dos capiteis corinthios do templo romano, em marmore de Extremoz, estão

binados com arte, formavam linhas graciosas. Em Evora ha exemplos d'isto; na arcada sul do palacio de D. Manuel, no passeio, em janellas na casa do sr. Francisco Vieira, e no palacio Cadaval, parede interna do pateo. Mas as janellas da casa antiga da Camara, as empregadas nas chamadas ruinas fingidas, as da parede oriental do pateo de S. Miguel, e muitas outras, são em granito, imitando as chanfraduras dos arcos de tijolo.

As finas columnas, os capiteis largos e variados, de ornamentação vegetal, os arcos em ferra-

dura dão á varanda da casa Cordovil um tom mourisco e gracioso, com as suas ameias ornamentaes, e o seu agudo coruchéo que parece um elmo medieval.

Porque tanto *mourisco* em Evora? Foram os artistas que vieram á côrte portugueza depois da conquista de Granada? Foram as muitas relações que houve entre Evora e Sevilha? d'ahi vinham azulejos e tapetes no seculo XVI; vieram mestres de obras e canteiros tambem?

O que é certo é que o *manuelino* teve uma feição especial em Evora: o *manuelino-mourisco* de Evora é uma das phases d'essa extraordinaria explosão de architectura, resposta artistica nacional ao esplendor, ás surpresas maravilhosas dos descobrimentos e conquistas ultramarinas. Em Evora ao ultimo gothico applicaram o granadins. Se em alguns pontos o artista mouro isolado fez o *mudejar*, por exemplo o claustro de S. Bento (n'este extinto convento encontram-se ainda exemplares das ameias arabes, ornamentaes, em arestas de zigue-zagues, e tambem azulejos em

primeiro capitão de Tanger, constante companheiro de Affonso V, nas empresas africanas.

Quem sabe se as lindas janellas geminadas da casa Cadaval, que foi a casa de D. Rodrigo de Mello, serão uma lembrança de Tanger?

Como os artistas que desenharam o portal de S. Francisco, ou o das Capellas imperfeitas da Batalha, ou alguns elementos da torre de Belem, se lembraram da India, e applicaram elementos decorativos indiatcos no seu *manuelino*, antes d'elles, ou ao lado d'elles, em outra phase, os eborenses adoptaram o capitel e o arco mourisco, familiar mesmo a muitos artistas da cidade.

Na verdade á luz intensa, ao forte sol alemtejanico, no ar muito azul, fica bem a arcada mourisca.

Os hespanhoes modernos teem tido bom gosto em adoptar a casa arabe no sul do seu luminoso paiz: a varanda, o pateo interior, animado pela pequenina fonte, as plantas nos seus vasos de barro vermelho, a engenhosa decoraçáo composta de elementos simples em diversas combinações.

Dizem muito melhor com o sol, a paisagem e o

HYDE DE NEUVILLE

(Concluido do n.º 59)

III

Esteve nos Estados-Unidos até 1814. Quando viu que o imperio estava fortemente abalado partiu para Inglaterra. A primeira coisa que perguntou á primeira pessoa que lhe appareceu n'um porto de Inglaterra foi que noticias bavia de França. «Bonaparte está na ilha d'Elba, responderam-lhe, e Luiz XVIII está em Paris.» A impressáo que elle sentio foi, como bem se pôde imaginar, formidavel.

Corre a Paris onde é muito bem recebido, e a primeira missáo que elle pede é ser mandado á Italia para vigiar o que se passa na ilha d'Elba. Era o costume. Já não podia conspirar em França, ia conspirar para a Italia. Effectivamente percebeu que Napoleáo não estava tranquillo, e voltou para França a acautellar o rei. Mas Napoleáo continuava a ter aquella celeridade de resoluções e de movimentos que foi o elemento essencial do seu



HOSPITAL DE PORTALEGRE

(Copia de uma photographia do sr. Caino Perez)

relevos, provavelmente de Sevilha), em outros o desenho, o motivo mourisco casa-se ao gothico. Por exemplo no claustro da Sé, a arcada é ogival, do seculo XIV, e os espelhos, os oculos são graciosos e engenhosos entrelaçados arabes, abertos em granito.

As janellas geminadas da torre mais alta do palacio Cadaval, nas faces poente e oriente, são exemplares da arte arabe, antiga, com os seus gentis capiteis rendilhados, esteios lavrados, terminando em lanceta, com a singularidade de ser este trabalho feito em pedra que não é da região; vieram de longe aquellas janellas.

Demais nos campos e na cidade viveram mouros, trabalhadores e operarios, até D. Manuel. Eram cortidores e sapateiros. alvanéos, oleiros e taipadores, ferreiros, tintureiros, etc. Tinham a sua mouraria; e ainda no seculo XIV a mesquita erguia o seu minarete onde o *muezzin* ou *almuadem* entoava as orações rituaes.

E por certo nenhuma familia de nome da cidade deixou de ter relações com Africa; bastantes eborenses estiveram em Ceuta; ahi na igreja dos Loyos, na capella-mór, repousa o magnifico senhor D. Rodrigo de Mello, conde de Olivença, o

povo peninsular do que estes *chalets* suissos, suecos, russos hoje tanto em moda.

Os francezes nos seus departamentos do sul gostam do estylo arabe, e estão a applicar o em construcções modernas de luxo; em Portugal, em Cintra, fazem *chalets* de escuros e agudos telhados eternamente condemnados a esperar pelas grossas camadas de neve.

O estylo manuelino mourisco não se encontra só em Evora; todo o andar nobre da *Sempre noiva*, hoje tão conhecida, tem os capiteis, as finas columnas, os arcos de terradura, as janellas geminadas, e até uma janella de canto, no mesmo systema. Infelizmente desapareceram de ha muito as columnas e cobertura da varanda da entrada, que seria provavelmente de forma identica.

Quem tratar da architectura em Portugal não deve esquecer o manuelino mourisco de Evora.

O arco em ferradura, e as ameias ornamentaes que se mostram na gravura, encontram-se tambem na ermida feita pelo chronista e desenhista Garcia de Resende, na cerca do Espinheiro, a pouca distancia de Evora.

Gabriel Pereira.

genio militar. Quando Hyde de Neuville chegou a Paris já lá encontrou Napoleáo. Ahi o temos outra vez disfarçado a atravessar a França e a correr a Gand, onde está Luiz XVIII. Volta logo com plenos poderes para organizar a revolta na Vendéa, mas o canhão de Waterloo poupa-lhe esse trabalho, e Hyde de Neuville o que fez foi apresentar-se aos eleitores do circulo de Cosne que o mandaram a essa camara conhecida na historia pelo nome de camara *introuvable*.

Com o caracter desembaraçado e independente de Hyde de Neuville nunca elle podia ser um d'estes deputados que agradam muito aos governos. Luiz XVIII achou que Hyde de Neuville estaria melhor longe d'elle. Exilar o homem que prestára á causa realista tão assignalados serviços seria realmente um cumulo; por isso coloriu-se o exilio com as mais altas honrarias. Mandaram-n'o para a legação dos Estados-Unidos. Entrava como representante da França no paiz onde estivera como proscripto. Depois transferiram-n'o para a embaixada do Brazil, ou antes para a embaixada de Portugal. A monarchia portugueza tinha então a sua capital na America. Era o Rio de Janeiro a metropole. Foi então que esta brilha-

te e aventureira figura passou como um relampago na historia portugueza.

IV

Pouco tempo esteve Hyde de Neuville no Rio de Janeiro. Rebetára a revolução de 1820 em Portugal, as idéas liberaes alastraram-se pelo Brazil, e D. João VI entendeu que era tempo de tornar á Europa. Hyde de Neuville veio tambem. Assistiu aos curiosos incidentes da vida constitucional portugueza, fez *in mente* as suas comparações com o que se passára em França, achou que D. João VI ia exactamente pelo caminho de Luiz XVI, entendeu que a constituição de 1822 daria os mesmos resultados que a constituição de 1791, mas absteve-se de conspirar, até porque teria n'esse caso de conspirar com D. Carlota Joaquina, e, se aquelle Sydney Smith que elle tentára uma vez salvar da masmorra não se mostrava muito avesso a essas conspirações, Hyde de Neuville, que era então um bello homem de 38 annos, não seria da mesma opinião. Vio a villa-francada, sympathisando com o movimento, porque a declamação *convencional* dos deputados portuguezes de 1820 não podia ser do seu agrado, e porque representava aqui o soberano que mandára o duque de Angoulême a Hespanha derrubar a constituição d'esse paiz, mas limitava-se a cumprir as ordens do seu governo quando o surprehenderam os acontecimentos de 30 de abril de 1824.

O rei tivera o ingenho pensamento de cumprir a sua palavra e de substituir a constituição de 1822 que realmente não era viavel por uma constituição semelhante á Carta franceza. Não agradava isto aos *ultras*, que tinham por chefes principaes a propria rainha e o seu filho D. Miguel. Rebeta a revolução no dia 3 de abril de 1824, os ministros são presos, o rei é sequestrado com todas as formulas cortezes no seu palacio, e não se sabe aonde irá parar aquelle singular movimento. Representante do governo que sustentava na Europa as idéas absolutistas, Hyde de Neuville não devia talvez senão applaudir; mas o seu animo cavalheiresco não lhe permittia tolerar esta torpe revolução de familia, e o seu antigo genio de conspirador não lhe permittia ficar inactivo. Trata-se de fazer uma contra-revolução. Hyde de Neuville entende-se com os seus collegas do corpo diplomatico, e dirige-se ao palacio da Bemposta. Uma sentinella não o deixa entrar. «Affaste-se! diz-lhe Hyde de Neuville como se estivesse na Assembléa Nacional em Versailles, e deixe passar o rei de França!» O soldado intimidado e recua. Aparece um official a ailegar as ordens que tem. «Lembre-se, diz-lhe Hyde de Neuville que encontrará n'essa occasião o segredo das phrases a que um escriptor francez chama com finura *phrases-melancholiques*, lembre-se que nas revoluções de palacio, os principes são perdoados e os seus cúmplices são enforcados.» O official empallidece e Hyde de Neuville passa. Encontra D. João VI completamente acabrunhado, julgando-se já a subir os degraus da guilhotina de Luiz XVI. Hyde de Neuville conforta-o, mostra-lhe o corpo diplomatico a seu lado, combina com elle o que ha a fazer, e d'ahi a dias, a pretexto de ir visitar a nau ingleza *Windsor Castle* D. João VI ahí se encastella, d'ahi dá as suas leis, e exila o seu filho. Radiante de contentamento desfaz-se em mercês, que Hyde de Neuville acceita sorrindo, e ufano de ter representado uma scena theatral que tão bem dizia com a sua indole, «faz-se pintar vestido no gosto do tempo, escreve Valbert, com uma farda rutilante de commendas, com um despacho na mão, separado por uns cortinados tumultuosos das ondas do Oceano, onde a tempestade sacode um navio. Já não é Cherubim, é Almaviva embaixador junto de Sua Magestade Fidelissima».

Agradaria comtudo a sua attitudé ao governo de Luiz XVIII? Parece que não, porque em 1825 já o vamos encontrar em Paris, e militando na politica nas fileiras dos amigos de Chateaubriand, que estava fazendo, depois da sua demissão, uma opposição declarada. Em 1828, quando se organisou o ministerio Martignac, Hyde de Neuville foi chamado para tomar a pasta da marinha. Era um gabinete liberal, que não podia ser por muito tempo compatível com Carlos X. Não tardou a ser substituido pelo ministerio Polignac, pelo ministerio cujos excessos reaccionarios produziram a revolução de julho Hyde de Neuville ao menos teve tempo de acolher benevolmente, como ministro, os emigrados portuguezes, victimas d'esse príncipe D. Miguel cujos dentes elle quizera partir em 1824.

Vindo a revolução de julho, Hyde de Neuville, como o seu amigo Chateaubriand, como parti-

rio leal, entendeu que a politica findara para elle com a dynastia que ambos tinham servido com tanta dedicação e que tão mal lh'o pagára. Viveu ainda 27 annos, mas completamente affastado da vida publica, n'uma residencia encantadora em Lestang á beira do Cher, em convivencia continuada com Chateaubriand enquanto este viveu, e depois em convivencia com as suas proprias recordações. Alli vio perecer a monarchia de julho, a republica, a presidencia de Luiz Bonaparte, e entrar o imperio de Napoleão III. Morreu com 81 annos em 1857. Ao recordar-se do seu passado, junctamente com as scenas aventureiras da sua vida de conspirador, havia de lembrar-se tambem d'um dia claro de abril em que salvou um throno e em que esmagou com o pé as viboras que tentavam morder um pobre pae e um desgraçado marido! E a consciencia de que representára um papel nobilissimo n'essa formosa Lisboa que não tornára a ver, seria para elle recompensa maior do que o titulo, que tão simplesmente desdenhou.

Pinheiro Chagas.

OS PAÇOS MONÁSTICOS DE MAFRA

(Continuado do n.º 508)

A fundação do convento de Mafra é devida ao cumprimento e desobrigação de um voto feito por D. João V em 1711 para ter successão. Sobre este ponto não ha, nem póde haver a menor duvida, porque a primeira pedra que se lançou nos alicerces da igreja levava a seguinte inscripção:

DEO OPTIMO, MAXIMO
DIVOQUE ANTONIO LUSITANO
TEMPLUM HOC DICATUM
JOANNES V. LUSITANORUM REX
VOTI COMPOS OB SUSCEPTOS LIBEROS,
PRIMUMQUE FUNDAVIT LAPIDEM.
THOMAS I. PATRIARCHA OLYSSIP. OCCIDENTALIS
SOLENNI RITU
SACRAVIT, POSUITQUE
ANNO DOM. 1711 CCXVII
XIV KAL. DECEMBRIS.

O modo como foi attendido esse voto, segundo o refere o *Gabinete Historico*, constitue um grosseiro embuste fradesco, sem nenhum valor. Todavia, alguns estudiosos o teem repetido ingenuamente, e até causa admiração que um espirito tão perspicaz como Camillo Castello Branco lhe desse curso na *Gazeta litteraria* do Porto, n.º 6.

Ultimamente, o illustre escriptor e meu amigo Alberto Pimentel encontrou na livreria da casa de Pombal, adquirida pelo Estado, um interessante manuscrito que veio deslindar perfectamente essa meada.

Diz assim:

«Costumava n'esse tempo ir ao paço pedir esmola um leigo arrabido, muito piegas, de quem se contavam milagres, e lhe disse o marquez de Angeja, um dia, porque não fazia com Santo Antonio que tivesse a rainha filhos, a que respondeu o leigo — sim os terá, mas é preciso tazer-lhe uma casa».

Não falou o arrabido na villa de Mafra para se erigir o convento, como pretende o auctor do *Gabinete Historico*; e tanto que el-rei, conforme o testemunho que citámos, «mandou riscar e tomar medidas do sitio em que hoje se acha o convento do Coração de Jesus, immediato ao collegio dos padres bentos da Estrella.» Por onde se vê que D. João V pensou primeiramente em fundar o convento em Lisboa.

Mas, continua o manuscrito:

«... como a rainha era interessada em fazer-se o convento, e era estribeiro mór o visconde de Villa Nova da Cerveira, D. Thomaz de Lima e Vasconcellos, lhe aconselhou que Sua Magestade o mandasse fazer em Mafra (onde elle tinha a sua quinta). Este foi o motivo de lá se fazer a igreja dedicada a Santo Antonio, porém o milagre de haver filhos foi o dizer o duque de Cadaval, D. Jayme de Mello, a el-rei: *que, que, que, trabalhasse a rainha para ter filhos, que era obrigada a isso; e do contrario lhe podia succeder mal, etc.*

Alberto Pimentel esclarece ainda mais essa passagem do manuscrito, observando que na familia do Visconde de Villa Nova da Cerveira, D. Thomaz de Lima Vasconcellos Brito e Nogueira, era antiga a pretensão de se obter a fundação de um

convento na villa de Mafra para augmentar d'esse modo o valor da sua famosa propriedade; e que o negocio até havia sido já proposto, sem nenhum resultado, por se lhe haver opposto o desembargo do paço. Quanto á rainha, offendida nos seus mais delicados sentimentos de esposa pelas torpes infidelidades do rei, poucos mezes depois do seu casamento, é natural que fizesse calar os seus melindres, pelo receio dos males que lhe podiam advir da falta de successão, e que por isso perdesse a frieza que desde então lhe era habitual — «D. Maria Anna de Austria atirou com os seus justos resentimentos para traz do espaldar do leito, e achou que lhe convinha segurar em seu favor o throno e os frades. A historia dos reis, a das rainhas principalmente, lembrava-lhe varios casos de terem vindo de Roma bullas de divorcio para uso de testas coroadas. — D. João V não teria duvida em pagar bizarramente, como era seu gosto e seu costume.» (1)

A 4 de dezembro de 1711 nasceu a infanta D. Maria Barbara; mas decorreram ainda quasi seis annos antes de se dar principio á edificação dos paços monasticos de Mafra. A esse tempo estava já assegurada a successão da corôa com o nascimento de outros principes.

Tres architectos estrangeiros, D. Filippe Juvara, Antonio Canevari e João Frederico Ludewig, o qual já estava em Lisboa empregado nas obras do Collegio de Santo Antão, concorreram em apresentar o risco para o grande edificio que se projectava levantar com a magnificencia propria de D. João V.

Parece que o risco traçado por Juvara era de todos o mais formoso e elegante, mas foi preferido o do allemão Ludewig, o que é attribuido geralmente á poderosa influencia da Companhia de Jesus.

Nos seus *Estudos Historicos e Archeologicos* (t. II, pag. 19) observa a este respeito, Vilhena Barbosa que Juvara, phantasiando um palacio para festividades de uma cõrte voluptuosa, «não conhecia o paiz onde fóra chamado;» ao passo que Ludewig, que já tinha aqui residido quatro annos, estava mais bem informado dos usos e costumes de um povo, habituado de longa data a não presenciar, a bem dizer senão, festas religiosas. E por isso bem disse Alexandre Herculano que «Mafra ficou duvidosa no desenhno entre o mosteiro e o palacio.»

Estabelecido um hospicio em Mafra para assistencia dos religiosos durante a edificação do convento, escolhido para este fim o sitio da *Véla*, e feita a compra dos terrenos necessarios, lançou D. João V a primeira pedra, nos alicerces da igreja a 17 de novembro de 1717.

Fez-se com extraordinaria pompa esse acto solemne, do qual ninguem formará idea perfeita, sabendo unicamente que n'elle se despendeu a avultada quantia de duzentos mil cruzados. E' preciso dizer-se que o rei mandou levantar para esse fim uma igreja de madeira com o tecto composto de vélas de navio, sendo por dentro forrado de brim, sobre o qual assentavam tafetás de côres, e tendo os lados cobertos de ricos pannos de raz, com todas as necessarias portas e janellas, armadas de cortinas de damasco carmezim, guarnecidas de galões e franjas de ouro. E ficou tão sumptuoso esse templo improvisado que n'elle celebrou missa de pontifical o patriarcha D. Thomaz de Almeida, com grande luzimento de cerimonia, riqueza de paramentos e immenso concurso de povo. (2)

Quatocentos a seiscentos homens foram empregados em abrir os alicerces; mas, apenas começou a obra dos pedreiros, tornou-se urgente a necessidade d'elles não só trabalharem de dia, mas tambem de fazerem serôes. E á vista de tão desmesurada fabrica, nada admira que, logo no principio das obras, houvesse muita falta de braços.

Essa falta sentiu-se ainda mais quando, em 1729, o rei, tendo já deliberado augmentar no dobro a traça do edificio, deu grande impulso ás obras. Foi necessario desfazer em parte o que estava feito (3). E não se recuou perante a necessidade de rebaixar um monte para a banda do sul. Não sendo ainda sufficiente o reforço de 1:000 homens do exercito, que além do respectivo soldo venciam 150 réis diarios, ordenou-se por todo o reino o alistamento de quantos operarios *n'elle se poudesse achar* (4), o certo é que de toda a parte veio gente para trabalhar nas obras de Mafra. Foram tantos os vexames e oppressões que n'essa occasião se commetteram que não ha, ainda que o pa-

(1) Vej. *As Amantes de D. João V*, pag. 71-76.

(2) *Gab. Hist.* t. VIII, pag. 87.

(3) *Panorama de 1840*, pag. 66.

(4) Visconde de Santarem, *Quadro Elem.* t. V, intr. pag. CCLL.

reça, nenhuma exaggeração nos períodos de uma carta encontrada no archivo do convento de Tibães, e escripta por um dom abade beneditino a outro em resposta ao convite para irem assistir á sagração da basilica. (2) Ahí se diz que não se ajusta com a lei de Deus erigir templos á custa do sangue dos pobres, de cujas veias correu o sangue para amollecere as duresas do mar-more.

Os roes de junho a outubro de 1730 mostram que havia empregados em Maíra 45.000 homens. A despeza por mez excedia 70:000 cruzados. E, tendo el-rei mandado construir um hospital provisório, com oito enfermarias que alojavam 535 doentes, afóra outras duas com 240 leitos, nos cinco annos decorridos de 1729 a abril de 1733, entraram 17:007 doentes.

Para punição dos criminosos que não faltariam em tão grande agglomeração de gente, via-se levantado o terrível instrumento das justicias d'el-rei, de que ainda conserva triste memoria o denominado *campo da força*, proximo do palacio.

E porque em 1730 cahia ao domingo o dia dos annos de D. João V, e o ritual dispõe que as egrejas só podem ser sagradas aos domingos e dias de preceito, envidaram se todos os esforços para se fazer, como effectivamente se fez, a sagração da basilica no dia 22 de outubro d'aquelle anno.

Mas, nem o interior da igreja, nem o zimbório e outras partes do edificio, nomeadamente o convento, estavam ainda de todo concluidos. E para se pôr termo ás obras, algumas das quaes continuaram por arrematação, pagando o erario uma verba mensal de 50:000 cruzados, passaram ainda annos.

Finalmente, as festas sollemnes da Sagração, que ficaram memoraveis, duraram cito dias.

(Continúa.)

Alberto Telles.

ARBITRAGEM INTERNACIONAL

VI

A ARBITRAGEM ENTRE HESPAHHA,
PORTUGAL E OS ESTADOS IBERO-AMERICANOS.
FORMA DE A TORNAR EFFICAZ.

(Concluido do n.º 509)

I

As convenções de propriedade litteraria que Portugal tem celebrado com diversas potencias, incluem um artigo que manda recorrer em certos casos á arbitragem; identica disposição encontramos no art.º 21 do tratado de paz de Guadalupe Hidalgo, celebrado a 2 de Fevereiro de 1848, entre os Estados-Unidos e o Mexico; e uma outra semelhante no art.º 16 do tratado postal internacional de 7 de outubro de 1874. Por ventura virá em muitos outros que não nos acordem agora á lembrança. Se tal clausula compromissoria de arbitros visava tão sómente a resolver as duvidas sobrevindas na intelligencia ou execução dos tratados, em que foi incerta, é uma verdade que tal disposição com o caracter generico para todos os conflictos, já também entrou no dominio do direito positivo. Assim, d'este theor foi a decisão adoptada pelo senado dos Estados Unidos, em 1853, e que elle ampliou em 1873. «O presidente, diz aquella resolução, compromette-se sempre que lhe fôr possível, a inserir em *tudo os tratados* a concluir de futuro, um artigo tendo por objecto submeter qualquer conflicto sobrevindo entre as partes contractantes, á decisão de arbitros imparciaes, escolhidos de commum accordo. Do mesmo modo, e nas mesmas ideias vemos em 1881, o *conselho federal da Suissa*, pois, n'aquelle anno começou de negociar com o governo dos Estados-Unidos um tratado geral de arbitragem, onde se estatua, que fossem julgados por arbitros todas as questões internacionaes, qualquer que fosse a sua causa, natureza e fim. O convenio concluido a 27 de Agosto de 1883, entre os Estados-Unidos de Venezuela e a republica do Salvador incluem a mesma disposição no seu ar-

tigo 4.º (1), e egualmente a encontramos no art. 1.º do *Acto geral da conferencia de Berlim de 26 de Fevereiro de 1885*, que estabeleceu a liberdade de commercio e navegação nas regiões da Africa equatorial.

Concluimos :

Senhores : — A arbitragem, sendo uma aspiração da consciencia humana, instituição real e positiva nas sociedades civis (em materia civil ou commercial), juizo assaz repetido no succedimento das questões internacionaes, necessidade imprescindivel das nações, que olham superior a todas, a questão economica; sendo o constante desejo da historia, e n'este seculo a preocupação dos pensadores, sociedades de paz, e congressos, — deve ter ao presente logar effectivo, na lei. Seria justo, grande, generoso, que se aproveitasse esta occasião, em que se celebra um grande acontecimento, tal como a descoberta da America, para que dos povos, que o mar hoje não separa, mas approxima, viesse a iniciativa de um tratado especial sobre o assumpto. A nação portugueza, a nós nos parece ser a ideia de bom accete, pois que Portugal já n'este seculo recorreu tres vezes á arbitragem com diferentes nações, muitas vezes com estes povos da Hespanha, que são seus vizinhos e seus irmãos, e com todos elles e as nações americanas de origem Iberica, mantem a melhor amizade, o melhor accordo nas relações politicas e de commercio, como se prova nas festas e recepções, que teve o seu delegado quando em 1878 foi ás republicas do Pacifico e de la Plata, celebrar tratados de commercio, e onde os portuguezes vivem e prosperam, porque para lá foram d'aquelle grande e poderosa nação — o Brazil, que elles fundaram durante tres seculos, e que, tendo uma superficie de mais de um milhão e setecentos mil kilometros quadrados se desdobra desde Oyapok até ao Chuy e desde o cabo de S. Roque até ás terras longiquas d'onde se avistam os cimos dos Andes. Seria uma pagina brilhante para a historia de tantas gentes, unidas com uma tradição commum, a tradição de seus paes que andaram nas batalhas da cruz contra os mouros, e depois fizeram uma epopeia, a grande epopeia do mar, onde Cervantes combateu, e foi prisioneiro, Camões cantou e batalhou, e onde Gonçalves Dias morreu. Elles foram a espada e a poesia, nós que defendemos a justiça e o direito, uma outra grande poesia, porque nada mais bello que a fraternidade dos povos, nós assim o pedimos, e esperamos na realisação, porque já mais se vio tão grande e tão exuberante força de vida, e tantos sentimentos generosos, como n'essas nações ibero-americanas, cujos homens notaveis se encontram em toda a Ecropa, e que trazem ao velho continente um lampejo do ceu doirado do seu paiz, no calor vivo da sua palavra, na harmonia encantadora dos seus versos, na prosa exuberante de seus livros, e até na sua presença, que revela algo d'aquelle paiz do sol, para onde as raças, com saudades do berço, emigraram, sem temor das tempestades, sem receio dos ventos, sem desconfiança do mar — no encalço de um homem de maravilha, e que tendo, fé viva em Deus, não pouca no seu genio, e muita na Hespanha, descobriu um mundo e o deu á humanidade. — Elle chamava-se Colombo e eu acabei o meu discurso.

Conde de Valençãs.

O SARAU DO REAL GYMNASIO CLUB

Para não aojectivar nem adverbial desmedidamente este sarau do Real Gymnasio Club, diremos mui apenas ter sido; uma festa esplendida a da noute de 13 do corrente.

E, para o leitor se certificar do que a avançamos, tentaremos descrever o que constituiu esse sarau.

Como era segunda feira gorda, houve além da recita gymnastica, um baile de mascaras.

Na primeira parte da recita, que começou após a symphonia, pelo terceiro numero annuciado no programma: equilibrios pelo sr. Eduar-

(1) As altas partes contractantes obrigam-se solemnemente a regular todas as suas pendencias pelos meios diplomaticos; a não recorrerem em caso algum ao emprego das armas, ou a hostilidades, e a submeter todas as questões de natureza grave, que possam trazer a guerra, e ácerca dos quaes não chegarem a um convenio, á decisão sem apello de um ou mais arbitros nomeados de commum accordo.

do A. Cortez, que executou com admiravel correcção uns difficeis equilibrios em trapezio, inteiramente novos para nós; devemol-o admirar mais, porque, era a primeira vez que este cavalheiro se apresentava em publico e segundo ouvimos com bem poucos ensaios. Foi applaudidissimo, recebeu bastantes flores e presentemente recebea também os nossos parabens por tão perfeito trabalho.

Seguiu o quarto numero: *vóos* pelo Ex.º Sr. João Possollo. Conheciamos já este cavalheiro — artista consummado — e portanto anciámos por vel-o trabalhar. Por um mau acaso o distincto gymnasta esteve menos feliz, realisando comtudo alguns *vóos* admiraveis.

Por duas vezes tentou executar a *piruetta e meia* aerea e por duas vezes lhe faltou o trapesio, de fórma que em ambas caiu violentamente sobre a rede que pela força do choque arrancou duas argolas. Desanimado, não quiz continuar o sr. Possollo, entretanto era muito applaudido e justiciosamente pelo trabalho feito. Foram-lhe offerecidos muitos bouquets e innumeradas chamadas se lhe fizeram.

Seguiu-se o intervalo.

Abriu a segunda parte da recita, a orchestra, que n'um estrado ao fundo da sala, todo rodeado de plantas; executou regida pelo sr. Rio de Carvalho, illustre maestro, uma bella symphonia.

Ainda como na primeira, foi n'esta parte eliminado o numero 6.º pelo qual começava.

Teve logar pois o setimo, que era a *tuna*, composta pelos Ex.ºs Srs. P. Quental, Hopfer, Rocha, Affonso, Costa, Castello Branco, Loureiro, Lezameta, Dotti, Gardé, H. Ruas, Passos, e Pessoa.

Esta *tuna* executou, varias musicas d'uma fórma tão perfeita e magistral e tão uniforme que bem mereceu todos os applausos de que foi alvo. Custava a destrinçar qual dos executantes se avantajava, mas notámos sobretudo dois guitarristas peritos os srs. Pessoa e Loureiro. Todos os distinctos executantes receberam formosissimos bouquets, e gentilmente repetiram alguns trechos.

Sucedeu-se apóz, um numero que não estava no programma; as barras fixas pelos srs. João Possollo que foi eximio, distinguindo-se a triplice pirueta. N'este correcto trabalho resgatou plenamente o illustre cavalheiro um levisimo despeito que nos ficára pelo exito menos feliz dos seus trabalhos anteriores.

Escusado é fallar em applausos. Uma salva prolongada, unisona, unica, cobriu o distincto gymnasta.

N'este trabalho recorda-nos tel-o visto na festa militar de 29 de maio de 1892 no Colyseu dos Recreios, com a differença de ser acompanhado pelos srs. Simão Barbosa e João Pereira.

No nono numero, *parallelas*, distinguiram-se os srs. Trindade, J. Gomes, Oliveira e Loureiro.

O sr. Trindade executou o *moinho* com muita correcção. Applausos e flores aos gymnastas.

Ultimo numero, *argollas* pelos srs. C. Loureiro que subiu em *Christo* e executou correctamente uma *decima em planche*. S. d'Oliveira com uma *peitoral n'un braço*, arrancou vivos applausos.

Durante este numero, bem como nos outros a orchestra tocou trechos lindissimos distinguindo a valsa de Waldteuffel, *Toujours ou jamais*.

E assim acabou a primeira parte d'este esplendido sarau em que nada houve a empanar-lhe o brilho.

O BAILE

Antes de passar á respectiva synthese, permitam nos que frisemos quanto a palavra *baile* é pouco bem adequada. Presentemente, indistinctamente chama-se *baile e dança*. *Baile* segundo os etymologistas é exactamente o que os latinos chamam *saltare*, saltar, dar saltos. E' assim *baile* nome generico e vulgar que só exprime a acção physica de *bailar*. *Bailam* os selvagens nos seus festins singulares e incivilizados. Vemos pois que *baile* é mal empregado quando nos refiramos a um divertimento aristocratico. *Dança* é que se lhe deve chamar e simplesmente por que este termo nos dá uma idéa completa e intrinseca pois que significa nobreza de acções e compassamento d'ellas á musica. *Bailar* é instinctivo e portanto os irracionaes *bailam*; *dancar*, tem regras e já os gregos por isso mesmo lhe chamavam *orkhéstiké* pela colleção de preceitos que encerrava: bem mover o corpo, maneira de pisar, conservar-se em postura elegante, cortejar e mesurar de modo digno a pessoa nobre e cavalheira.

Vê-se então que o termo *baile* é improprio.

Outr'ora usava-se também a palavra *folia*, e indicava o que hoje chamamos *contradança* e de tal especie que os proprios reis não desdenhavam to-

(2) *Gazeta litteraria do Porto*, n.º 6.

mar parte. Até sabemos que D. Pedro I era exímio n'esse ramo da choreographia e que até uma vez dançou publicamente com seus cortejos no dia em que fez cavalleiro a D. João Affonso Telles.

Comtudo baile como dissemos, é hoje geral e privativo das funcções onde se dança e eis como um termo cuja a genesis é diferente do fim, se acha internado a ponto de pseudonisar os divertimentos da aristocracia.

Fomos fatigantes decerto, mas que nos perdõem os que pouco lhe importar a etymologia comparada.

Acabara a récita gymnastica e a orchestra enviava do fundo da sala os accordes d'uma suite de valeses. O ruido das sedas, o fremir das luzes, o ciciar das acacias e das pricardias que ornamentavam a sala produziam uma consonancia agradabilissima.

Já a orchestra tocou uma valsa e ainda não ha pares. Hesitam, e afinal começam quando a musica acaba. E' baile de mascarar e na verdade algumas ha, veem-se ali bruxas formosissimas, zingaras de cabellos louros, caçadoras que caçam homenagens exponenteas, fadas que foram fadadas, judias com sequins nos cabelos e tantas outras mascarar sem mascara.

Uma contradança se forma. Ha dois quadros na vasta sala. Ha muitos pares mas ainda ha mais damas. Relativamente os cavalheiros são poucos, sendo muitos. Já alguém pensa em inventar uma dança especial em que cada cavalheiro fosse dançar com tres senhoras; tantas são ellas, tal é a profusão d'essas flores humanas, d'esses mimos da criação divina.

Agora uma valsa; correm, giram no turbilhão dezenas de pares. Anima-se a dança, ha perfumes capitosos no ambiente, ha calor, fazendo frio. Quatro quintas partes das damas estão sentadas. Notam-se os pares, e distinguem-se os mais bem dançantes. Ha uniformidade; a musica vae esmorsando como o respirar d'uma rosa que fenece.

Sucedem-se diferentes danças e diferentes pares senão totalmente pelo menos nas damas.

Correm horas, redopiam pares, foge o carnaval. E' manhã. Marca-se o cotillon; distinguem-se os marcantes. A orchestra preludia. A aurora expreguiça-se. São 6 da manhã de terça feira gorda de 1893. Finalizou o esplendido sarau do Real Gymnasio Club.

Ouve-se dizer, é pena não haver uma dança de mascarar como esta, todas as semanas.

Esteves Pereira.



REVISTA POLITICA

Martos est pintos in casca; assim dizia aquelle estudante de Coimbra, digno emulo de muitos seus condiscipulos e successores, na asneira e na cabolice, ao ver mortos dentro da casca os pintos de uns ovos que uma gallinha tinha chocado.

Não sabemos se o tal estudante diaria hoje a mesma coisa se passasse por S. Bento e visse o ministerio morto, mas se o não dissesse devia dizel-o, applicando aquella banalidade, como uma aprimorada figura de rhetorica ao ministerio cahido.

Martos est pintos in casca!

Golaram os ovos que se tinham por boa raça, degeneraram; lá se foi mais uma esperanza. Por força que anda n'isto caveira de burro.

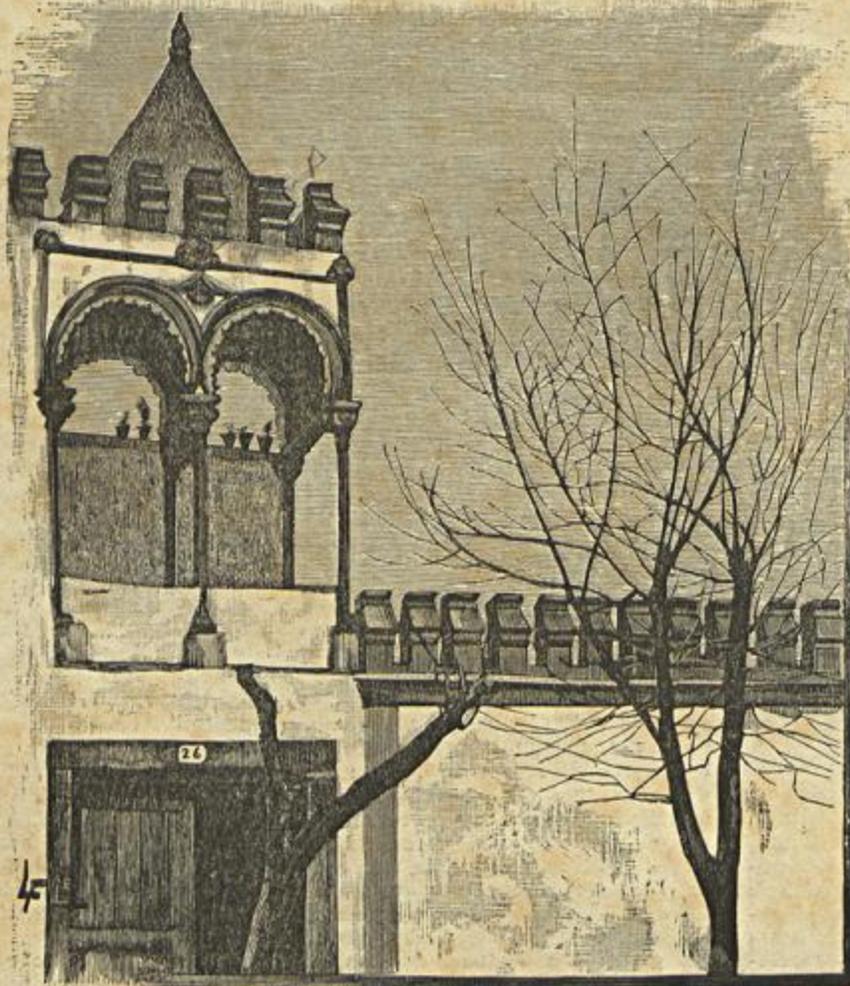
Ha tres annos que se anda á procura de sete homens, — tantos como os alfayates precisos para matar uma aranha, — sete homens para salvar o paiz do abysmo, e nada!

Elles teem apparecido, mais de mil, mas não salvam coisa nenhuma.

Podera. Pois se todos elles é que teem empurrado o paiz para o abysmo, como é que lhe hão de ter mão agora.

Pois venham os que se dizia que o não tinham ainda empurrado e dêmos lhe força para o aguentarem, pelo menos; mas tambem não fazem nada. Ha casos que podem mais que as leis, e então os casos que prevaleçam e as leis que se desprezem.

Aqui está o segredo de toda esta contradança de ministerios para cima, ministerios para baixo.



VARANDA DA CASA CARDOVIL, EM EVORA

O sr. José Dias Ferreira, convencendo-se que o governo não podia nem devia continuar na gerencia dos negocios publicos, em consequencia de incidentes politicos de natureza verdadeiramente constitucional, depoz as pastas nas mãos de El-Rei, e assim o communicou á camara na sessão do dia 20 do corrente.

El-Rei mandou chamar ao Paço os chefes dos partidos monarchicos, os srs. Antonio de Serpa e José Luciano de Castro, para conferenciar, e depois d'essa conferencia mandou chamar o sr. Hintze Ribeiro para o encarregar de formar gabinete o que sua ex.^a acceitou.

É tudo quanto se sabe até á hora que escrevemos, mas parece-nos que pouco importa saber o resto. Facilmente se adivinha. Tudo como d'antes...

Não acreditamos que hoje, dentro dos partidos conhecidos, haja ninguem capaz de governar com a auctoridade e força moral necessarias para regenerar o paiz da corrupção a que chegou, e comnosco está uma boa parte da nação, unica esperanza que pôde haver, se um dia essa parte da nação resolver sahir da indifferença em que tem

jazido e correr de vez com toda essa alcateia de politicos, que teem corrompido este paiz da flôr de larangeira.

Não é empreza facil porque a larva vae-se propagando de dia para dia como uma gangrena em periodo adiantado, rareando cada vez mais o numero dos limpos e lavados d'esta lepra social.

Diz-se que se quer regenerar o paiz, e cada vez mais se afunda na podridão em que vegeta. Perderam se as noções da honra e da justiça. Por todos os lados se formulam accusações de que ninguem se lava, contra que os accusados não protestam nem provam a innocencia, e não obstante muitos d'esses accusados são os que tem governado o paiz, occupam altos cargos politicos, são os que põem e dispõem das justicas e dos dinheiros publicos.

Tem tudo na sua mão e só dão a mão aos que commungam na mesma moral, aos que partilham das suas idéas, que e sahiram da mesma

escola. Quando vão buscar para o seu gremio algum impoluto e austero, que se deixa seduzir, não é para se retemperarem ou imitar-lhe as virtudes, é para o corromperem tambem, exactamente como as más mulheres a quem a virtude das que são boas humilha e incommoda.

E procedem assim parecendo-lhes que procedem bem. Erros da escola em que foram educados, do meio de que sahiram.

O que se está vendo são os fructos de uma educação licenciosa, immoral, que ensinou a corromper em vez de ensinar a respeitar.

Fez da honra uma convenção, da dignidade uma preocupação importuna. Arranjou honra e dignidade a seu modo. Argumenta com ellas e quando os seus sophismas não conseguem illudir, recorre ao ridiculo com que procura aniquillar os accusados das suas proezas.

Ora digam-nos se de um meio assim se pôde esperar alguma coisa que não seja a continuação do que até aqui se tem praticado?

Podem formar á vontade quantos ministerios quizerem, que todos cahirão confundidos na desorganisação a que tem levado as leis, no desbarato dos negocios publicos, nas ambições impudicas da alcateia de politicos.

Cá estamos, por nosso mal, para os ver desfilar um a um como o cortejo funebre d'esta nacionalidade que se afunda.

João Verdades.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1 \$200 réis.

Pedidos á empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1893

Está quasi esgotada a edição; a capa é um lindo chromo representando esse mimo d'architectura quinhentista — a Torre de Belem.

Preço 200 réis. Pelo correio 220 réis

Adolpho, Modesto & C.^a — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25 a39